

## Conclusão da parte II

Nesta segunda parte da tese procurei situar J. L. Segundo e sua obra dentro do seu contexto histórico, ressaltando os conceitos e idéias que caracterizam o pensamento do autor. Surgiram nesta exposição os elementos básicos do processo de formação do ser humano como ser de liberdade. Cabe agora recolher esses dados, sistematizando-os numa visão integrada.

No capítulo 3, o objetivo foi apresentar os principais conceitos do pensamento segundiano, deixando indicados os traços característicos da visão segundiana acerca da liberdade. Foram destacados temas como a importância da estrutura de valores, a articulação entre fé e ideologias, a passagem da fé antropológica para a fé religiosa e a importância dos dados transcendentais e da dêutero-aprendizagem nesse processo, que acaba formando a liberdade humana em dinamismos que J. L. Segundo caracteriza como dinamismos de ecologia social e evolução cultural.

No capítulo 4, o tema da liberdade foi analisado como construção do homem enquanto “pessoa” que se desenvolve num cosmo em evolução. Ali procurei mostrar que a liberdade é uma experiência pessoal que se constrói em meio a influências biológicas, psicológicas, sociais, etc. De sorte que a liberdade se constitui como um processo complexo, que articula diversas variáveis, tanto de ordem pessoal como social. De fato, J. L. Segundo afirmou que o ser humano é o protagonista da construção de sua própria existência, mas um protagonista que não possui liberdade ilimitada para agir. Segundo nos mostrou que a liberdade abre caminho por entre os diversos “determinismos” constitutivos da própria condição humana, de modo que o ser humano interage com influxos de ordem antropológica, de ordem cultural, social, política, etc. No entanto, há também circunstâncias em que o ser humano passa por situações imprevisíveis, lida com dados surpreendentes, tendo novas chances de soluções criativas para as exigências de sua vida pessoal e social. É por isso que o ser humano se desenvolve, interagindo tanto com os “determinismos” como também com os “acazos”, com os novos contextos que surgem em seu próprio desenvolvimento.

Nessa abordagem, evidenciou-se que a configuração da liberdade é um processo baseado em dois eixos fundamentais: primeiro na existência histórica e

em segundo lugar nos dinamismos que favorecem a humanização, tanto na dimensão pessoal como na social.

#### a) Liberdade como enraizamento histórico do ser humano

É no interior das relações sociais que o ser humano constrói sua escala de valores. É através destas relações que ele aprende a crer nos seus valores absolutos, estabelecendo sua fé antropológica. É por isso que J. L. Segundo nos diz que este enraizamento histórico é de fundamental importância, não apenas porque permite socializar os valores, mas também porque oferece ao ser humano as mediações necessárias para a sua realização. É este enraizamento histórico que vai fornecer as “ideologias” necessárias para a realização da “fé”.

Pode-se dizer que este enraizamento histórico é a base a partir da qual se formam todos aqueles elementos constitutivos da liberdade humana, que foram descritos nos conceitos segundianos abordados no capítulo 3 desta tese. J. L. Segundo aponta o modo como as relações sociais e as instituições da sociedade são importantes para fornecer as mediações ou “ideologias” que poderão ser colocadas a serviço da fé nos valores mais elevados da vida de uma pessoa. O mesmo pode ser dito em relação ao processo da “dêutero-aprendizagem”, e especialmente no que diz respeito aos dinamismos da “ecologia social” e da “evolução cultural”. Em todos estes itens é possível notar que o processo histórico é sempre o ponto de partida.

Esses influxos da sociedade sobre o indivíduo tolhem a liberdade mas, por outro lado, são estes mesmos influxos da sociedade que vão oferecer ao indivíduo a estrutura social de que ele necessita para construir seu projeto de vida e exercer sua liberdade.

#### b) Liberdade como processo de humanização pessoal e social

O que caracteriza singularmente a vida humana é exatamente o fato de o ser humano pensar e agir num processo pelo qual, por meio de diversas escolhas e atos, ele vai formando o conjunto de sua existência histórica como atitude fundamental. É assim, por meio da liberdade, livremente exercida nos atos e na atitude fundamental, que os indivíduos experimentam a vida como uma existência

eminentemente humana, uma existência construída por cada pessoa nas múltiplas relações estabelecidas historicamente.

Já ficou demonstrado que é o próprio ser humano quem conduz este processo. Trata-se de um dinamismo de construção da própria história pessoal. As opções que a pessoa vai fazendo ao longo da vida vão configurando o que ela conseguiu ser. Isso se aplica em tudo o que cada ser humano experimenta nas diversas instâncias de sua vida pessoal. É a própria pessoa que, através de suas escolhas, vai formando sua escala de valores, vai desenvolvendo sua fé antropológica, vai percebendo os dados transcendentais que surgem em sua existência, conformando sua dêutero-aprendizagem, etc. Portanto, a liberdade é uma experiência de “ser pessoa”. É orientando-se por sua própria deliberação, que cada indivíduo constrói e interpreta sua própria existência.

No entanto, esta dimensão pessoal da liberdade não exclui o caráter eminentemente social das experiências humanas. A liberdade é um dom de Deus, um atributo próprio da natureza humana, mas que só se manifesta e só pode ser percebido como tal, através das relações que os seres humanos estabelecem no interior da história. Por isso mesmo, o ser humano não se faz sozinho. Sua existência é um produto coletivo na medida em que depende de estruturas sociais. É a sociedade que oferece as condições e os meios para que o ser humano possa aprender e transmitir valores, interagir com os demais, etc. Num certo sentido, a sociedade com suas estruturas econômicas, políticas, culturais é que define as circunstâncias dentro das quais cada pessoa poderá exercer sua liberdade.

Por tudo isso é que a experiência da graça é imprescindível nestas duas dimensões da liberdade humana. O crescimento pessoal, assim como a vivência social e coletiva são aprimoradas e corrigidas precisamente nesse processo, que manifesta a relação do ser humano com Deus, vivenciada através da intermediação das relações dos seres humanos uns com os outros. Quanto mais o ser humano vai sendo “pessoa”, vivenciando os dinamismos de sua liberdade, realizando os valores humanizantes revelados em Jesus Cristo, mais ele cresce em liberdade. Quanto mais o homem aprofunda a sua atuação nesse processo (mediante a articulação da fé antropológica à fé religiosa, com a dêutero-aprendizagem, etc.), mais ele vai humanizando a si mesmo e à sociedade. Daí que viver a liberdade, nesse sentido, implica necessariamente num processo de humanização pessoal e social. Aliás, é dentro desse mesmo processo, que a

humanização vai sendo aprofundada, pela descoberta dos sinais da providência divina no interior dos dinamismos da evolução do ser humano e do cosmo.

Feita a síntese final da parte II desta tese, já há condições para dar o passo seguinte. Na parte III apresentarei, então, os pontos em que se pode fazer o confronto entre as abordagens agostiniana e segundiana da liberdade. Dessa comparação poderão surgir elementos muito interessantes para o amadurecimento da consciência cristã e também pistas para aprimorar a ação pastoral e o trabalho de reflexão teológica feitos pela Igreja.